Mesmo assunto, mas outra ocasião: ocaso e futuro a partir de percepções de estudantes de economia

Ana Luiza Triques Moraes - COECO UFSJ
Luiz Gustavo Couto Gomes - COECO UFSJ
Prof. Múcio Tosta Gonçalves – DCECO UFSJ

A dewdrop can exalt us like the music of the sun
And take away the plain in which we move
And choose the course you're running [...]
All in all, the journey takes you all the way [...]
(YES, 1972)

A juventude é a fase da vida das pessoas durante a qual se formam muitas das convicções que elas levarão ao longo das suas vidas adultas. Por isto, as condições sociais nas quais se vive a juventude determinam parte importante da forma como o adulto pensará a sua relação com o mundo e com a comunidade ao seu redor.

Desde meados do século XX, a juventude se mostra cada vez mais subversiva, questionando os valores das gerações anteriores e a ordem vigente nas relações econômicas, políticas e sociais. Um exemplo disso é o movimento *hippie*, que surgiu na década de 1960 nos Estados Unidos da América, que tinha como uma de suas principais bandeira a ideia da não violência, realizando duras críticas à guerra do Vietnã (1955-1975), apoiando o movimento pelos direitos civis e as lutas contra a discriminação racial, a transformação da imagem das mulheres e pela libertação sexual.

Como aponta Cardoso (2005), a característica predominante desses movimentos, seja do ponto de vista político ou contracultural, foi a transgressão em relação aos valores socialmente dominantes estabelecidos.

Outro movimento importante para entender a juventude no século XXI é o movimento *punk*. Surgido na Inglaterra na década de 1970, num contexto de ascensão do conservadorismo, discriminação, recessão econômica, falta de liberdades e desesperança, o movimento foi formado principalmente pela juventude pobre, o que dá a ele um nítido aspecto de classe.

De acordo com Gallo (2008), a insurgência juvenil produziu insatisfação social, econômica e política, utilizando a música como linguagem e como elemento identitário. Isto ocorreu por meio de diversos movimentos de

politização da juventude, e que mais tarde teriam no anarquismo e no socialismo discursos e formas de ação que o representariam.

Ainda é possível apontar a presença ativa e marcante da juventude noutros movimentos ocorridos durante o século XX (como a Primavera de Praga, em 1968; a queda do Muro de Berlim, em 1989; os distúrbios de Los Angeles, em 1992; as manifestações contra o encontro da Organização Mundial do Comércio, em Seattle, em 1999;). Na América Latina, vale ressaltar o envolvimento da juventude, organizada politicamente nas Universidades e em diversos partidos de esquerda, revolucionários, na queda das ditaduras militares, entre 1977 e 1990. Todos esses movimentos foram marcados pelo espirito da juventude, por uma vontade de mudança de um modelo de sociedade que a exclui.

Mesmo com o enorme avanço tecnológico ocorrido a partir da invenção da Internet, que possibilitou a troca de informações quase instantânea de acontecimentos de toda parte do globo terrestre, e apesar das lutas da juventude no século XXI, a condição de inserção do jovem na sociedade ainda não parece tão diferente da do século passado. A geração atual ainda é marcada pela insatisfação política e pela falta de perspectiva de um futuro que represente melhor muitos dos seus ideais comuns, inclusive por causa do desemprego que tem se tornado estrutural.

No caso do Brasil, de acordo com o IBGE, a taxa de desocupação dos jovens entre 18 e 24 anos variou entre 27,3% no primeiro semestre a 23,8% no quarto semestre do ano, em 2019. Tal grau de desocupação lança os jovens em uma condição vulneral, uma vez que eles não possuem perspectivas para o futuro, não possuem segurança financeira, sendo deixados à própria sorte.

Com a pandemia causada pelo Sars-Cov-2 no ano de 2020, esses jovens se encontram numa situação ainda mais desoladora. No Brasil, o cenário de recessão econômica, desemprego crescente e aumento das desigualdades faz com que os jovens se encontrem, mais uma vez, desvalorizados em suas virtudes, excluído da construção de projetos do país e desprezados no âmbito econômico.

Os movimentos apontados no começo do ensaio surgiram como uma forma de descontentamento quanto à realidade presente nas suas respectivas épocas, influenciando em maior ou menor grau a forma de pensar de cada

geração. Seja na onda da contracultura *hippie*, com seu lema contra a violência, seja na ação violenta presente na estética *punk*, os movimentos juvenis protestavam contra o autoritarismo e a austeridade promovidos pelo Estado, e lutavam por melhores condições de vida, fosse ela representada na forma de liberdade de escolha ou da busca de melhor inserção do jovem na sociedade. Como esses jovens irão se organizar e quais as formas de protestos serão adotadas pela juventude, são configurações a serem analisadas, de extrema importância para se perceber o lugar da juventude no século XXI.

Assim como tais movimentos formaram o modo de pensar da juventude da época e de toda uma geração, cabe refletir sobre como a geração que vem passando seus anos de juventude enfrentando recessões econômicas, crises políticas, crises ambientais e uma pandemia irá reagir a isso no presente e no futuro. É importante pensar as formas pelas quais se manifestarão a rebeldia jovem no século iniciado pela pandemia e marcado pela acentuação das desigualdades.

Ainda que com suas muitas limitações, sabe-se que uma forma de organização e de resistência é a educação. Aquela que liberta, apropriando as palavras de Paulo Freire. Para ele, a prática educacional pode propiciar a construção de uma consciência crítica, pois ela é uma “prática da liberdade”, isto é, “[...] o meio através do qual homens e mulheres lidam crítica e criativamente com a realidade e descobrem como participar da transformação de seu mundo” (FREIRE, 1973).

Educação é, assim, aquela ação que faz alguém sair da zona de conforto, da mesmice, da alienação – mas isso só é possível se ela for um “processo de aprendizagem contínuo”. Não é isso, contudo, que pensamos quando tratamos de educação; geralmente, remetemos nosso pensamento à escola. Mas a educação é o instrumento que, muitas vezes, possibilita escolhas mais éticas, filtragem de informações, percepção da história e contextos, ascensão social, o desenvolvimento da empatia, mais propriedade na fala e é claro - a noção da ignorância.

Quanto mais estudamos, percebemo-nos e enxergamos o outro; e, também, impactamo-nos com a descoberta de quanto conhecimento não temos, e quanto dele nos falta.

Quanto à escola, ela tem sido o local que a maioria das pessoas relaciona à busca de informações e à transformação delas em conhecimento. Conforme a tecnologia se torna mais acessível na rotina da população, mais fácil é obter informações – inclusive sem a necessidade de se recorrer à sala de aula ou ao papel.

Assim, o tema é ainda mais relevante quando se sabe que o Covid-19 coloca em cheque o acesso à educação para muitas pessoas, especialmente para as mais jovens. A pandemia gera a percepção de privilégios e a importância direta de cada área de estudo no combate ao vírus: a da saúde, na linha de frente e nos laboratórios de pesquisa; a das ciências exatas, no desenho de estratégias de distribuição, construção de aparelhos; a área da informação, tão relevante para tudo que vivemos; a da economia e da política, quanto à tomada de decisões, elaboração de políticas públicas, combate à desigualdade, apuração de acesso a métodos de prevenção e combate ao vírus.

No momento da incerteza e das ansiedades provocadas pela pandemia, as escolas se fecharam – o que foi importante para ajudar na contenção do vírus e para evitar a exposição a ele das pessoas que estudam, trabalham e circulam nela. Esta decisão abalou e abala social, econômica e afetivamente os lares daquelas e daqueles que precisam ficar em casa para cuidar da família. Afetou, também, os empregos e o consumo. Debilitou os processos de tomada de decisão usuais dos governos, mostrando que os investimentos em saúde, infraestrutura e educação são inversamente proporcionais ao caos.

A interação social faz falta, o medo se faz presente e o pensamento sobre o futuro da educação traz uma preocupação constante. Cabe aos estudantes e aos trabalhadores da educação, mais uma vez, lutar com responsabilidade pela valorização e continuidade da educação e do acesso à ela, além de valorizarmos o pensamento crítico e a ciência – uma importante, senão a única, saída para todas as crises.

Pressupomos, pois, que juventude e educação são duas dimensões importantes para o enfrentamento da atual situação de emergência de saúde pública provocada pelo surto de novo coronavírus e dos seus não conhecidos desdobramentos.

Para tentar entender um pouco como a juventude, especialmente a que tem acesso à educação superior, tem se comportado face à pandemia,

realizamos um levantamento de informações, que contou com a colaboração de um grupo de quatorze estudantes, incluindo os dois que são autores do ensaio. A seleção desse grupo foi feita pelo critério de acessibilidade, não implicando qualquer definição amostral prévia.

As/Os estudantes convidada/os, às/aos quais tivemos acesso, responderam a um questionário. Todas/os foram informadas/os dos objetivos do levantamento de informações, conforme um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A intenção não foi a de realizar um *survey*, menos ainda de obter evidências estatísticas com base nos conteúdos de representações sociais de um grupo particular sobre o momento presente.

A ideia, própria de um levantamento qualitativo, foi obter algumas indicações sobre percepções das angústias e das esperanças de jovens que têm em comum o fato de serem estudantes de cursos universitários de Ciências Econômicas no Brasil.

Conforme as respostas obtidas, o grupo observado tem idades entre 18 e 27 anos, é igualmente dividido entre mulheres e homens, com a maior parte deles tendo nascido nas regiões Sudeste (nove) e Nordeste (três) do país.

A maioria (64%) não trabalha e nem desenvolve qualquer atividade econômica que proporcione rendimentos próprios. Dos que trabalham como assalariados, 60% recebe até dois salários mínimos. De todo modo, mais de 70% dependem financeiramente da família.

Pouco mais de um terço dentre quem respondeu mora com os pais e avós, e uma mesma quantidade mora em habitações coletivas não familiares. 71% não possuem coberturas para a saúde.

A maioria (78%) utiliza dispositivos eletrônicos para a comunicação e a interação social em redes de serviços sociais (como WhatsApp®, Instagram® e Twitter®). As outras formas citadas de aproximação social, especialmente com amigas e amigos, são os encontros em bares (28%) ou em casa (21%) e, por fim, outros espaços culturais e de lazer.

A partir da decisão de adoção de medidas de distanciamento social, essas formas de comunicação mudaram para mais da metade delas e deles. O que mudou, na percepção dessas e desses jovens, foi que os contatos sociais diminuíram, especialmente pela substituição dos encontros presenciais pelos virtuais, o que alguns não estavam habituados a fazer.

Quanto às condições socioeconômicas, para a maioria (78%) ela manteve-se boa e idêntica a que existia anteriormente à pandemia. Para os restantes, a situação piorou.

Uma das principais questões relacionadas à alteração na forma das relações sociais durante a pandemia é a adaptação da mente a nova realidade, principalmente aqueles que estão cumprindo o isolamento social. Apenas uma pessoa declarou ter piorado as suas condições de saúde física, e seis (43%) revelaram que a saúde mental – de todos os membros da família foi a mais afetada, com problemas de ansiedade e desânimo decorrentes do isolamento social.

Quanto à escolha do curso de Ciências Econômicas, as respostas indicam que quase todos a fizeram por conta da perspectiva de obter uma visão ampla, sistêmica e analítica do mundo, e um maior número porque associaram-na às suas habilidades e preferências pela história, matemática, política e geografia. Para dois, o tema da distribuição e da desigualdade foi importante na definição.

Quase dois terços estudam na UFSJ, e a maioria (64%) está cursando o sexto e o sétimo períodos dos seus cursos.

Todos os entrevistados percebem nas Ciências Econômicas um instrumento útil para mensurar os impactos causados pela pandemia, e a partir disso propor soluções eficazes e compatíveis com a realidade de cada região. Dentre as principais respostas, destacam-se as que apontam que os economistas podem contribuir para auxiliar na decisão sobre as alternativas para o crescimento econômico e para a diminuição da pobreza, na busca por meios de recuperação econômica, na construção de políticas públicas (especialmente de saúde) e planos, na reparação de danos sofridos pelo mercado e na garantia da sustentabilidade socioeconômica. Uma resposta apontou, ainda que “O estudo das ciências econômicas pode ser uma ferramenta para compreender melhor a realidade social”.

Nota-se acentuado pessimismo em relação ao futuro, porém. Duas questões foram as mais pontuadas: o aprofundamento da recessão econômica e a acentuação das desigualdades sociais. Assim, os futuros economistas apontaram a ação do Estado como importante para minimizar os impactos causados pela pandemia, seja por meio de políticas públicas, seja por meio de incentivos ao investimento ou por investimento direto do Estado. A alta taxa de

desemprego também foi apontada como um dos desafios a serem enfrentados após a pandemia, atrelado à queda da renda e do consumo.

Apesar disso, a esperança está presente na crença de que é possível construir uma nova forma de organização da economia, bem como formas diferentes de enfrentar os desafios no futuro. Mas, para que se possa pensar (novas) soluções para a economia, o ensino de economia deve se adequar.

Por estarmos em uma situação emergencial e criada em meio a uma surpresa, as/os estudantes parecem estar, ainda, sem um direcionamento quanto ao que vai acontecer com suas escolas e professores. As/Os respondentes pontuaram que o estudo da economia será mais importante, já que após (?) a pandemia poderá surgir uma maior vontade de compreender os processos econômicos.

A respostas sugerem que o foco dos Cursos deverá levar em conta o cenário atual, e a importância da ação econômica como parte da busca de soluções do problema. Um elemento importante que foi apontado, é que talvez seja necessária uma atualização no currículo, para que se treine de forma mais eficiente os estudantes para a análise da realidade.

Ademais, as e os jovens ouvidos acreditam que o ensino de economia deve ser disseminado de melhor forma, levando melhor a informação para a população, para que assim seja possível despertar maior interesse.

O que percebemos, a partir das percepções relatadas, é que estas e estes estudantes de Ciências Econômicas são direcionados, desde o primeiro período dos seus cursos, para compreender a importância da profissão e do meio no qual o profissional se insere.

A pandemia, como também é perceptível, está totalmente vinculada aos fatores econômicos – indo da economia às políticas econômicas e de bem estar estatais, passando pelo comércio mundial e pelos *circuit breakers*. Acreditamos que, por isso, todas/os quem responderam ao nosso questionário tenham afirmado que o curso pode auxiliar a encontrar alternativas nos desafios pós pandemia.

Contudo, por estarem mais familiarizados com o assunto, não é de se surpreender que as respostas das e dos estudantes tenham apontado para perspectivas de uma conjuntura marcada pelo crescimento reduzido e pelo aprofundamento da crise. Isso decorre da compreensão que existe uma falta de

resposta do governo brasileiro quanto à batalha contra a pandemia, que não tem conseguido reverter o aumento diário do número de casos e de mortes, além do aumento do desemprego e da instabilidade econômica e política.

Quanto à saúde, é comum relacionarmos o corpo físico ao sentido geral de saúde. Principalmente durante uma pandemia, estar saudável parece significar não ter o vírus em nossos corpos. As respostas que recebemos sugerem, o que é algo a explorar, que mesmo que houvesse alguém nas famílias destas e destes estudantes com uma gripe forte, a resposta seria que estavam todos saudáveis, pois não seriam portadores do vírus.

Mas, as mudanças de rotina, a volta à convivência diária com os familiares próximos, o fato de não poder sair, a preocupação com os outros, a preocupação em contrair o vírus, tudo isso parece explicar as manifestações da ansiedade, do nervosismo, da depressão etc.

Nesse momento, pensamos então que a educação – e não apenas o conhecimento - pode ser um instrumento de conquista da autonomia e da liberdade crítica. Paulo Freire (1973; 1976) nos ajuda a entender que a educação das pessoas, e acreditamos, especialmente das que são jovens, contribui para que as palavras, os comportamentos, as emoções (o amor, a paixão, a alegria, dentre tantas), o saber e o modo de ser no mundo produzam uma "pedagogia do contentamento". Ela é essencial para conseguirmos achar saídas, perguntando-nos sobre o que e como fazer para mudar esse mundo.

Referencias

CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 93-107, novembro de 2005. Disponível em https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000200005. Acesso em 06 de julho de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra,1973.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. Punk: cultura e arte. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, p. 747-770, dezembro de 2008. Disponível em https://doi.org/10.1590/S0104-87752008000200024. Acesso em 06 de julho de 2020.

YES. **Close to the Edge**. Atlantic Records: 1972. 18min41sec.